





Campo Largo

ANTIGO ENGENHO DE MATE DA RONDINHA

Segundo Romário Martins, o estado do Paraná, basicamente, está ligado a três ciclos de povoamento: mineração, criação e comércio de gado e, finalmente, lavoura. Se por um lado o meio físico é marcado pela presença de montanhas e rios de pouca utilidade para a navegação comercial, por outro deu ao homem as condições para a forma mais fácil de exploração de riquezas, tornando-o extrator de minérios, erva-mate e madeiras. A exploração do ouro teve relativo sucesso no Paraná, entre a segunda metade do século XVIII e início XIX. Sua pequena produção, insuficiente para formar grandes fortunas, fez com que essa área fosse abandonada pela população para aí atraída devido à descoberta do ouro em Minas Gerais. Durante o século XVIII passaram a predominar no estado as atividades mais sedentárias, ligadas à criação e ao transporte do gado, as lavouras de subsistência (feijão, milho, trigo, etc) e "(...) o comércio de mate de 1772 em diante (data da Resolução Régia que permitiu que o comércio da congonha fosse feito com o Rio da Prata)".

O caráter mais sedentário das atividades agropastoris permitiu que a população se juntasse em determinados locais de "pouso" e de "currais", isto é, lugares de descanso ou internada de gado e, entre estes, o atual município de Campo Largo, ponto de passagem do caminho Sorocaba-Viamão, uma das ramificações, da estrada de ligação entre o planalto e o litoral.

Não se sabe ao certo a época em que se iniciou o povoamento de Campo Largo, situado na zona fisiográfica conhecida como Planalto de Curitiba, mas há notícias de que um de seus primeiros habitantes foi o coronel português Antonio Luiz, proprietário da sesmaria que veio a configurar o território do município.

O desenvolvimento das atividades extrativas, principalmente a da erva-mate, e o estabelecimento de uma política imigratória no final do século XIX criaram condições para o estabelecimento de uma economia auto-suficiente no Paraná, que até esse momento importava inclusive os gêneros de primeira necessidade. Somente a partir de então os municípios e vilas do planalto de Curitiba iriam desenvolver-se de maneira promissora.

Os jesuítas espanhóis, em suas missões implantadas na porção meridional do continente sul americano a partir do início do séc. XVII, num primeiro momento procuraram coibir o tradicional hábito do consumo da erva-mate pelos indígenas, chamando-a em alguns documentos de "erva do diabo". No entanto, acabaram assimilando o uso do mate e aprenderam com os índios guarani as técnicas para seu preparo e cultivo tornando-se, até sua expulsão do novo mundo em meados do século XVIII, os detentores de sua exploração e verdadeiros difusores da erva-mate.

A partir da divulgação dessas técnicas pôde o comércio de mate organizar-se e expandir-se. No Paraná, esse comércio só ganhou importância no século XIX, sendo realizado até 1808 em escala limitada aos portos brasileiros através de Paranaguá, juntamente com a exportação de outros produtos. ❁







A proibição de exploração da erva-mate adotada em 1813 pelo ditador Francia do Paraguai, na época o maior produtor e exportador ervateiro, abriu novos mercados para a comercialização do produto.

Esse fator, aliado ao da existência de numerosos ervais nativos no Paraná, atraiu técnicos e comerciantes de outros países, como Francisco de Alzaray, que aprimorou os processos de produção e acondicionamento que resultaram na melhoria da qualidade do mate paranaense.

Inicialmente, as novas técnicas foram adotadas no litoral; em seguida, no planalto paranaense, o que pode explicar o fato de a erva-mate sair do planalto em estado bruto para ser beneficiada nos engenhos do litoral. Mais tarde o litoral iria caracterizar-se pela atividade de comercialização e o planalto pela de beneficiamento.

Em 1826 o Paraná, além de exportar produtos primários para os portos nacionais, também o fazia para os do Uruguai, Chile e Argentina, sendo essa atividade, daí para frente, a base econômica do estado, e Paranaguá a área dinâmica do comércio ervateiro exportador.

Entre 1827-30 um único engenho de mate estava registrado em Paranaguá; porém, apesar das dificuldades no processo de produção e comercialização na década seguinte foram identificados, em Curitiba, 21 senhores de engenho. Em 1874 o viajante inglês Thomas Bigg-Whitter refere-se a um engenho de mate nos arredores da cidade de Campo Largo, que parece corresponder ao atual Museu do Mate, em Rondinha; sua existência, já nessa época, pode ser comprovada através da monografia O Mate do Paraná, do desembargador A. J. Macedo Soares, publicada em 1875, que relata a existência de 13 engenhos em Campo Largo, citando, entre esses, o do Sr. Carlos Franco.

Construída por volta de 1870, a edificação foi restaurada pelo governo do estado do Paraná entre 1980 e 1981, quando passou a funcionar como Museu do Mate, no qual os equipamentos relacionados à produção foram identificados, resgatados e reunidos, reconstituindo-se plenamente todas as etapas de funcionamento de um engenho de mate. O agenciamento paisagístico da área, próxima à Rodovia BR-277, visando a criação do Parque Histórico do Mate, introduziu novos elementos no conjunto como espelho d'água, churrasqueiras, etc., modificando em parte, a paisagem original na qual se inseria a edificação – último remanescente dos antigos engenhos de mate de soque hidráulico que ainda era mantido em razoável estado de integridade. A restauração, executada consoante projeto dos arquitetos Cyro Corrêa de Oliveira Lyra e José La Pastina Filho, reconstituiu a estrutura original da edificação modificada em 1896 com a demolição do forno, retirada da bateria de pilões, construção de mezanino e alteração do telhado. Essas mudanças decorreram da necessidade de adaptação do programa de engenho de mate para o de moinho de cereais com a introdução de mós e aproveitamento da mesma força motriz hidráulica. Identificadas as antigas fundações, foi possível reconstituir a planta baixa original, quadrada, e conseqüentemente foi feita a correspondente recomposição



LOCALIZAÇÃO: DISTRITO DA RONDINHA, MUNICÍPIO DE CAMPO LARGO.

DATA DA CONSTRUÇÃO: CERCA DE 1870. CONSTRUTOR CAPITÃO CARLOS JOSÉ DE SOUZA FRANCO.

PROPRIETÁRIO: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ.

TOMBAMENTO FEDERAL: PROCESSO Nº1119-T, INSCRIÇÃO Nº 496. LIVRO HISTÓRICO FL. 88; INSCRIÇÃO Nº 567. LIVRO DAS BELAS-ARTES, VOL. II. DATA: 24/04/1985.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº. 19/68, INSCRIÇÃO Nº19. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 10/07/1968.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA SECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, RIO DE JANEIRO. BIGG-WHITTER, THOMAS. NOVO CAMINHO NO BRASIL MERIDIONAL: A PROVÍNCIA DO PARANÁ, JOSÉ OLYMPIO, UFPR, RIO DE JANEIRO, 1974.

CARNEIRO, NEWTON. ICONOGRAFIA PARANAENSE, IMPRENSA PARANAENSE, CURITIBA, 1950. ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ. LEÃO, ERMELINO DE. DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ, CURITIBA, 1926/1929. LYRA, CYRO CORRÊA DE OLIVEIRA. PROJETO DE RESTAURAÇÃO IN ARQUIVOS DO CPHA, CURITIBA.

MARTINS, A. ROMÁRIO. HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1939. MELO, EDUARDO KNEESE DE. "PARECER", IN PROCESSO DE TOMBAMENTO, ARQUIVOS DA SPHAN.

do telhado, consolidados e restaurados os elementos estruturais de cobertura, piso, vedações e esquadrias.

Situado no sopé de um morro, perfeitamente integrado à extensa planície e em região de relevo acidentado, o Engenho do Mate beneficiava-se da proximidade de um curso d'água, desviado do Rio Rondinha, por meio de canal que acompanhava a curva de nível descendo até à altura da roda-d'água. A área na qual se situa o Museu do Mate, desapropriada para fins de utilidade pública, foi considerada entorno do monumento tombado, em função de suas qualidades paisagísticas e da integração dessa paisagem com a edificação. O tombamento, a nível federal, incluiu também a coleção que constitui o acervo do Museu do Mate.

Fruto de parceria entre a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná e o Ministério da Cultura, foi novamente restaurado no final de 2004, com verbas federais através da 10ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O museu do Mate é hoje unidade vinculada ao Museu Paranaense. ✨

